

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Érica Barbosa Simioni

INTERESSES DE LEITURA E A REVISTA *LEITURA: TEORIA & PRÁTICA*

Campinas

2008

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Érica Barbosa Simioni

Interesses de Leitura e a Revista *Leitura: Teoria & Prática*

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como exigência parcial para
a conclusão do Curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação da UNICAMP, sob
orientação do Prof. Dr. Ezequiel Theodoro
da Silva.

Campinas

2008

Orientador: Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva

Segundo Leitor: Prof. Dr. Carlos Eduardo Oliveira Klébis

Aos meus pais

Agradecimentos

Aos meus pais, por estarem sempre presentes e me apoiarem em todos os momentos de minha graduação e também de minha vida. Muito obrigada por confiarem em minha capacidade e sempre me incentivarem.

À minha avó Therezinha, pela preocupação, confiança e apoio em todos os momentos. Obrigada por não me deixar desistir nunca.

Ao professor Ezequiel, pela orientação deste trabalho e por ter proporcionado novas leituras e novos conhecimentos.

Ao meu companheiro Rogério, pela dedicação a mim, pela paciência nos momentos de dificuldade. Obrigada por tudo.

Às minhas amigas Aline, Bianca, Érica D., Mônica e Patrícia L., pelo companheirismo, apoio e incentivo ao longo de minha graduação e da elaboração deste trabalho. Obrigada pela paciência e por me ajudarem a enfrentar os obstáculos referentes tanto a este trabalho, como à graduação como um todo.

Resumo

O presente Trabalho de Conclusão de Curso discute assuntos referentes aos interesses de leitura, sobretudo de alunos do Ensino Fundamental. De modo a aprofundar essa discussão, utilizei como material de pesquisa as 51 edições publicadas da revista “Leitura: Teoria & Prática”, do período de novembro/1982 a novembro/2007, buscando analisar o que a mesma traz acerca do tema pesquisado.

Foram encontrados diversos artigos referentes ao tema pesquisado, os quais trazem inúmeras contribuições às práticas de professores que têm por objetivo despertar o gosto pela leitura em seus alunos.

De um modo geral, pôde ser constatado em tais artigos que os interesses de leitura foram levados em conta e considerados importantes no desenvolvimento do prazer pela mesma.

Palavras-chave: Revista Leitura: Teoria & Prática; Leitura; Interesses de Leitura.

Abstract

The present paper discusses some aspects of reading interests, especially the ones revealed by primary school students. In order to deepen the discussion, I studied 51 editions of the magazine “Leitura: Teoria & Prática”, published from November-1982 to November-2007, trying to analyze what the issues of that magazine tell us about the theme researched (reading interests).

It was spotted many articles that dealt with the theme; in terms of contribution, they are important to those teachers interested in developing the reading taste of his pupils.

In general, we found that the reading interests were reflected upon by different professors and can be considered important means in the development of reading pleasure.

Key words: Magazine “Leitura: Teoria & Prática”, reading, reading interest

Sumário

Introdução	09
1. Abordagem metodológica	12
2. Um breve histórico sobre a ALB e a revista “Leitura: Teoria & Prática”.....	14
2.1. ALB – Associação de Leitura do Brasil	14
2.2. Revista “Leitura: Teoria & Prática”	15
3. Referencial Teórico – Interesses de Leitura	18
3.1. Sugestões de como desenvolver os interesses de leitura nos alunos ----	22
3.2. A pesquisa na área dos interesses de leitura	25
4. Organização dos artigos selecionados	32
5. Análise dos dados – afinal, o que dá certo?	41
6. Considerações Finais	43
Bibliografia	45
Anexos	47

Introdução

No segundo semestre de 2007, cursando Pedagogia na Faculdade de Educação da Unicamp, iniciei minhas atividades de estágio em uma quarta série de uma escola municipal localizada em Holambra, Estado de São Paulo. O foco da disciplina de estágio era voltado à leitura e, portanto, constantemente desenvolvia, com os alunos, atividades relacionadas à leitura ou lia a eles livros de literatura infantil, que considerava interessantes e, após a leitura, conversávamos sobre os livros lidos. No decorrer do estágio, percebi o quanto os alunos ansiavam pela minha chegada às quartas-feiras, sempre perguntando qual livro eu havia trazido.

Esse entusiasmo por parte dos alunos me despertou o interesse em realizar uma pesquisa sistemática, voltada às práticas de leitura em sala de aula.

Minha experiência como leitora também me incentivou a realizar uma investigação, uma vez que desde pequena sempre gostei muito de ler. Na primeira série, por exemplo, eu pegava livros na biblioteca da escola e tentava ir lendo sozinha. Quando não conseguia entender algo que estava escrito, pedia para minha mãe me ajudar. A partir daí, não parei mais.

Ao lembrar minhas experiências escolares, foram surgindo algumas inquietações referentes à leitura. No Ensino Fundamental, estudei até a terceira série em uma escola estadual, em Santo Antonio de Posse, SP, chamada E.E.P.G. “Mário Bianchi”. Na quarta série, passei a estudar em uma escola particular, E.E.I.P.G. “São Paulo”, em Holambra, SP, onde fiquei até a sexta série, quando, então, fui para o Colégio Objetivo de Jaguariúna, SP, onde concluí o Ensino Fundamental e também o Ensino Médio. Lembro-me que principalmente as escolas particulares incentivavam muito a leitura. Em ambas as escolas, em todos os bimestres eram solicitados livros diferentes, sendo que a leitura era avaliada por meio de provas. No meu ponto de vista, eram livros interessantes, porém obrigatórios. Eu gostava de ler, por isso não me incomodava com essa exigência. Mas, e os alunos que não gostavam de ler? Será que a leitura por obrigação faria com que fosse despertado neles o gosto pela leitura? Ou será que faria com que tivessem mais aversão ainda pelos livros?

Neste âmbito, os professores não levavam em conta os interesses por leitura dos alunos, isto é, não procuravam saber primeiramente por qual tipo de leitura os alunos se interessavam, para, a partir daí, desenvolverem estratégias de ensino com a finalidade de motivar os alunos a lerem, num sentido de estimular a leitura pelo prazer e não por obrigação.

Considero a leitura algo muito importante pelo fato de vivermos em uma sociedade letrada e pelo fato de que a todo instante nos deparamos com a leitura, sendo esta uma prática social, que vai além do simples deciframento de sinais gráficos e se constitui numa atividade de apropriação de significados e atribuição de sentidos experienciados pelo leitor.

Segundo Bamberger (1986), a pesquisa no campo da leitura definiu o ato de ler, em si mesmo, “como um processo de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto” (p. 10).

Processo complexo, a leitura compreende várias fases de desenvolvimento. Antes de mais nada, é um processo perceptivo, durante o qual se reconhecem símbolos. Em seguida, ocorre a transferência para conceitos intelectuais. Essa tarefa mental se amplia num processo reflexivo à proporção que as idéias se ligam em unidades de pensamento cada vez maiores. O processo mental, no entanto, não consiste apenas na compreensão das idéias percebidas, mas também na sua interpretação e avaliação. Para todas as finalidades, tais processos não podem separar-se um do outro; fundem-se no ato da leitura.(idem, p.10)

Segundo este mesmo autor:

A leitura favorece a remoção de barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação, principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo.(ibidem, p.11)

Visto de uma perspectiva social, “ler é, numa primeira instância, possuir elementos à alienação e ignorância” (Silva, 1986: 49). Desta forma, “o ato de ler se constitui num instrumento de luta contra a dominação” (idem: 49).

Tal concepção advém do fato de que em nossa sociedade há uma enorme diferença de classes, diferença essa oriunda das mazelas do capitalismo. Neste contexto, para as classes dominantes, isto é, para as classes que detêm o poder, não é interessante que as massas dominem os mecanismos de leitura, de modo que tenham acesso aos livros que falam sobre as injustiças sociais. Pois,

“dessa forma, a pessoa que sabe ler e executa essa prática social em diferentes momentos de sua vida, tem a possibilidade de desmascarar os ocultamentos feitos e impostos pela classe dominante, posicionar-se frente a eles e lutar contra eles”. (Ibidem)

Regina Zilberman concorda com essa abordagem quando diz que:

“[...] a posse de um código escrito determina a ruptura com uma situação de inferioridade, por não ter o indivíduo, antes de ser alfabetizado, instrumentos

intelectuais para questionar os valores que, na expectativa do grupo do poder, teria de incorporar passivamente”. (Zilberman, 1991, p. 16)

Partindo dessas idéias, podemos constatar a importância da leitura em nossa sociedade, pois, o leitor através dela, é capaz de transformar a realidade em que vive, é capaz de criticá-la, de lutar contra os mecanismos de alienação.

Além de tudo, vivemos em uma sociedade letrada, a qual exige das pessoas que dominem a leitura, uma vez que “os veículos escritos são necessários à própria sobrevivência e atualização dos homens nesse tipo de sociedade”. (Silva, 1986, p.50)

Apesar da importância da leitura, não temos garantia de que todas as pessoas venham a ter oportunidade de acesso à leitura, principalmente à leitura da literatura. A educação pública, sendo um dever do Estado, conforme estabelece a lei 9394/96 (LDB) em seu Artigo 4º, garante “ensino fundamental, obrigatório e gratuito”, e dessa forma a escola, conforme Silva (2002), é o “único reduto onde a leitura ainda tem a chance de ser desenvolvida”. A escola, dessa forma, deve ser vista como a principal instituição de desenvolvimento da leitura, devido à obrigatoriedade do Ensino Fundamental, mas no Brasil nem todos têm acesso à escola.

Devido à importância que atribuo à leitura e também a importância da escola no desenvolvimento dessa prática em seus alunos, desenvolvi uma pesquisa que analisasse as práticas de leitura em sala de aula. Foquei os interesses de leitura dos alunos. De que modo o professor aborda os interesses de leitura de seus alunos para incentivar o gosto pela mesma? De que modo esses interesses são importantes na transformação dos alunos em leitores críticos?

Neste âmbito, conduzi uma pesquisa no universo de 51 números da revista “Leitura: Teoria & Prática”, periódico semestral da ALB – Associação de Leitura do Brasil - no período de novembro/1982 a novembro/2007, buscando os artigos que abordassem os interesses por leitura de alunos do Ensino Fundamental, da 1ª a 8ª séries, constituindo-se este, o objetivo geral deste Trabalho de Conclusão de Curso. Após a localização destes artigos, o objetivo seria proceder a uma organização e análise dos mesmos para verificação de sua frequência e significação. Como objetivos específicos, este trabalho pretendeu rever a literatura no intuito de conceituar a expressão “interesses de leitura”; caracterizar a abordagem utilizada pelos autores dos textos da revista “Leitura: Teoria & Prática” para com os “interesses de leitura”; e, finalmente, produzir um conjunto de recomendações pedagógicas a partir da análise dos textos encontrados.

1. Abordagem metodológica

A abordagem metodológica utilizada na realização deste Trabalho de Conclusão de Curso denomina-se “estado da arte”, definida como de caráter bibliográfico. Segundo Ferreira (2002), as pesquisas cuja metodologia são “estado da arte” tem em comum o fato de se “constituírem pesquisas de levantamento e de avaliação do conhecimento sobre determinado tema”.

Ainda segundo Ferreira (2002), os pesquisadores que utilizam tal metodologia, “tomam como fontes de referência para realizar o levantamento dos dados e suas análises, principalmente, os catálogos de faculdades, institutos, universidades, associações nacionais e órgãos de fomento da pesquisa”.

Em minha pesquisa, fiz um estudo da revista “Leitura: Teoria & Prática” e sua abordagem sobre o tema “interesses de leitura” de alunos da 1ª a 8ª séries do Ensino Fundamental”, além de realizar uma consulta no catálogo do grupo ALLE, no qual procurei encontrar as pesquisas que falam do tema.

Em seu artigo, Ferreira nos fala sobre a importância dos catálogos para a pesquisa denominada “estado da arte”, uma vez que estes “se instalam criando condições para que maior número de pesquisadores interessados em temas afins estabeleçam um primeiro contato, recuperem determinado trabalho, possibilitando a circulação e intercâmbio entre a produção construída e aquela a construir”. De um modo geral, “os catálogos permitem o rastreamento do já construído, orientam o leitor na pesquisa bibliográfica de produção de uma certa área, sendo que podem ser consultados em ordem alfabética por assunto, temas, autores, datas, áreas” (p.258).

Os catálogos trazem os títulos das dissertações de mestrado, das teses de doutorado, além dos dados identificadores de cada pesquisa quanto aos nomes do autor e do orientador, do local, data de defesa do trabalho, da área em que foi produzido. Atualmente, são inclusos, também, os resumos concernentes às pesquisas, “com a finalidade de divulgar com maior abrangência os trabalhos produzidos na esfera acadêmica” (Garrido apud Ferreira, 2002, p.262).

Em relação à revista Leitura: Teoria & Prática, a qual é meu objeto de estudo, busquei a partir da leitura do índice dos 51 números da mesma, selecionar os artigos, pesquisas e estudos que tivessem como tema central, ou que, indiretamente, abordassem os interesses de leitura de alunos do Ensino Fundamental, da 1ª a 8ª séries. Após selecionado esses artigos, li seus

resumos, os quais estão presentes apenas a partir do nº 41 da Revista. Em relação aos artigos que não possuíam resumos, li, então, na íntegra os mesmos, de modo a analisar se estes abordavam o tema pesquisado.

A partir dessa seleção, construí um quadro com os artigos encontrados, seguidos do número e do ano da revista a que pertencem. Fiz, depois, um resumo de cada um deles, de modo a explicitar como foram abordados os interesses de leitura, isto é, se diziam respeito a experiências realizadas por professores em sala de aula ou não. Em caso positivo, como se deram tais experiências. Se levados em conta, os interesses de leitura dos alunos vêm a promover o gosto pela leitura neles. Enfim, como é abordado esse tema pela revista.

Procurei analisar, de um modo geral, como os interesses de leitura são tratados nesta revista, isto é, se são tratados diretamente ou tangencialmente, se tratam de pesquisas qualitativas ou quantitativas, em quais dos níveis escolares as mesmas prevalecem (educação infantil, ensino fundamental, médio ou superior), e por fim, qual a frequência deste tema na revista.

De um modo geral, encontrei dificuldade em selecionar os artigos, pelo fato de que os títulos, muitas vezes, não traduziam o conteúdo, e desta forma tive que ler, na íntegra, muitos artigos para me certificar de que o mesmo tratava ou não do tema pesquisado, uma vez que as primeiras revistas não contêm resumos. Mas posso dizer que minha pesquisa foi satisfatória, pois pude analisar vários artigos relacionados ao tema “interesses de leitura”, sobre os quais discorrerei no próximo capítulo.

2. Um breve histórico sobre a ALB e a revista “Leitura: Teoria & Prática”

Como a minha pesquisa tem como foco o universo das revistas *Leitura: Teoria e Prática* (L: T&P), publicada pela ALB – Associação de Leitura do Brasil – pretendi fazer uma contextualização desse universo, desenvolvendo um histórico sobre ambos, isto é, a ALB e seu periódico, L: T&P.

Para a realização desse histórico, utilizei como referenciais o Trabalho de Conclusão de Curso de Ariadne Ieza Penteado, “Formação docente e a prática do ensino da leitura: contribuições oriundas da revista *Leitura: Teoria & Prática*”, da Faculdade de Educação da UNICAMP, no ano de 2007, orientada pelo Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva; a dissertação de mestrado de Ivana Alves Lima Quinaglia, “A leitura da leitura: o que traz a Revista *Leitura: Teoria & Prática* sobre teorias e práticas de leitura”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, no ano de 2006, orientada pelo Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto; e o artigo de Lílian L. M. da Silva, “A Revista *Leitura: Teoria & Prática* e o Professor – Um Leitor em Formação”, contido no livro “*Leituras do Professor*” (1998).

2.1. ALB – Associação de Leitura do Brasil

A ALB surgiu em 1981, na Faculdade de Educação da UNICAMP, com o objetivo de lutar pela democratização da leitura no contexto brasileiro e para promover debates sobre leitura, desenvolver seminários e congressos, publicar livros e periódicos; enfim, para tratar de questões relativas à leitura, na teoria e na prática, congregando pessoas interessadas por esse tema.

Os ideais da ALB foram delineados no final da década de 70, período da ditadura militar, marcado por censuras e repressão a tudo que fosse contrário à ordem vigente. Por isso, nascia a necessidade de se lutar pela divulgação e pelo direito à produção do livro, pelo fato de que a leitura era vista como “o caminho para o homem encontrar o conhecimento e libertá-lo de sua ignorância” (Quinaglia, 2006, p.25). Esse período, pois, foi marcado pela busca da democratização da leitura, sendo necessária a transformação das escolas de modo que os alunos fossem levados, pelos professores, a pensar criticamente sobre os livros, sobre suas leituras, sobre o mundo.

A gestão da ALB, na maior parte da história, foi exercida pelos próprios professores da Universidade, sendo que a primeira gestão foi assumida por Ezequiel Theodoro da Silva, estendendo-se até 1987, quando foi sucedido por João Wanderley Geraldi.

Em 1982, foram elaborados os Estatutos da Associação de Leitura do Brasil – ALB pelo comitê provisório, indicado um ano antes para presidir temporariamente a Associação (Silva, 1998, p.146). Esses estatutos foram submetidos a uma primeira apreciação dos associados do nº Zero da revista, lançada em novembro de 1982, e foram submetidos à discussão e aprovação dos associados, durante o 4º COLE, em 1983 (Quinaglia, 2006, p.24). Ficou estabelecido, pelos estatutos, que a ALB efetivaria o Congresso de Leitura do Brasil, o COLE (o qual é promovido bienalmente, abordando temas reflexivos e debates, envolvendo participantes de todo o Brasil, interessados pelo tema) e a publicação da revista “Leitura: Teoria & Prática”. Ficou estabelecido, também, que a Associação teria por finalidade “lutar pela democratização da leitura no contexto brasileiro desenvolvendo pesquisas e estudos sobre os diversos aspectos da leitura” (idem, p.24).

A administração da ALB é exercida pelos seguintes órgãos: Diretoria (órgão coordenador e executivo das atividades da ALB, com seis membros e dois anos de mandato), Colegiado de Representantes (formado por dez representantes inscritos na Roda de Pesquisadores da ALB, preferencialmente oriundos das diferentes regiões brasileiras, pelos Presidentes de Honra e pelos Sócios Honorários da ALB) e Conselho Consultivo (composto por 20 (vinte) membros efetivos, selecionados pela Diretoria, ouvido o Colegiado de Representantes e sua vigência é de dois anos). Esse conselho deve atender às diferentes consultas da diretoria e divulgar os trabalhos da ALB.

A sede da ALB localiza-se no prédio anexo II da Faculdade de Educação da UNICAMP, Cidade Universitária “Dr. Zeferino Vaz”, em Campinas, SP.

Pode-se dizer, de um modo geral, que a principal questão que envolve a ALB, atualmente, não é mais como divulgar e promover a leitura, questão essa abordada nas décadas de 70 e 80, mas como garantir o acesso efetivo da maioria da população à leitura e à educação.

2.2. Revista “Leitura: Teoria & Prática”

O número zero da Revista Leitura: Teoria e Prática foi publicado em novembro de 1982 através de uma parceria entre a ALB e a Editora Mercado Aberto (RS). A partir do nº 42 (2004) a publicação passou à alçada da Global Editora (SP). A periodicidade é semestral, com lançamentos de novos números nos meses de junho e novembro de cada ano. Em 2007, a Revista comemorou o seu aniversário de 25 anos, sem nenhuma falha na sua periodicidade. É o único periódico científico a tratar especificamente de aspectos da leitura no país.¹

Segundo Silva (1998), no texto dos Estatutos da Associação de Leitura do Brasil – ALB, a revista aparece como promoção da instituição ao lado do Congresso de Leitura – COLE – e dos Seminários Regionais, “representando uma das formas de concretização daquilo que será expresso como objetivo básico da ALB: a luta pela democratização da leitura no contexto brasileiro”.

Conforme explicitado no editorial da primeira publicação da revista, ela pretendia:

“lutar pela democratização da leitura no contexto brasileiro, através de um trabalho coletivo e transformador, motivado pelos movimentos que buscavam o fim da ditadura militar. Seu objetivo era de ser um fórum semestral de debates, reservando aos seus leitores, espaço para relatar suas experiências práticas e teóricas” (Penteado, 2007, p.31).

A revista possui um formato que lhe é próprio, possuindo a forma quadrada, algo próximo a 23x23 cm, característica até hoje inalterada. Segundo Silva (1998), “a opção pelo formato quadrado significou, naquele momento (1982, ano de sua criação), um esforço de promover uma ruptura ou uma diferenciação em relação aos periódicos já existentes e em circulação”.

O formato inusitado de um quadrado fazia parte do conjunto de estratégias de sedução de um leitor que, se de um lado declarávamos pleno de competências e qualidades, de outro, parecia que pensávamos ser de pouco ou nenhum ‘hábito’ de leitura, de escassos gestos em busca de melhor qualificação profissional/cultural, de pouca intimidade com publicações periódicas especializadas (Silva, 1998, p.150).

Isso tendo em vista o fato de tal revista não ser dirigida a uma minoria elitizada, mas sim aos professores e educadores, além da população de um modo geral, que, em sua maioria, são pouco familiarizados com a leitura de periódicos. Dessa forma, seu formato peculiar

¹ Informações retiradas do site http://www.alb.com.br/pag_ltp.htm, acesso em 20/04/2008

serviria como um atrativo para despertar o interesse pela leitura de periódicos científicos em pessoas que possuíssem pouca familiarização com a leitura dos mesmos.

Seu formato permite, ainda, que sejam utilizadas, juntamente com os textos em si, imagens – desenhos, fotos, reproduções, vinhetas e outros dispositivos onde a escrita é também imagem, sendo, pois, um trabalho bonito e criativo, constituindo uma solução estética. As ilustrações funcionam, também, como um meio de atração para as pessoas que não estão acostumadas com páginas e páginas unicamente preenchidas com a escrita.

Em relação ao material selecionado e publicado, são contemplados nas revistas: reflexões sobre a leitura, relatos de experiências bem-sucedidas / refletidas, divulgação de pesquisas, dos lançamentos da área, opinião autorizada. Enfim a formação da revista se dá “prioritariamente pela via da informação e da reflexão – teórica e prática – sobre a leitura e a escritura, especialmente na sua interface com a escola e o ensino”. (Silva, 1998)

3. Referencial teórico – Interesses de Leitura

*O interesse é a pedra de toque do progresso,
do prazer e da utilidade da leitura.
É o gerador de toda a atividade voluntária
de leitura.*

N. B. Smith

Para que possamos abordar o tema “interesses de leitura”, primeiramente devemos nos ater à seguinte pergunta: O que significa “interesse”?

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa On-Line², a palavra “interesse” significa “sentimento que nos leva a procurar o que é necessário, útil ou agradável”; “aquilo que é útil, que convém, que importa”; “simpatia”; “atrativo”; entre outras acepções.

Segundo Bamberger (1986), os conceitos de “interesse” e “motivação” são usados em pesquisa praticamente com o mesmo significado, pois os interesses e motivações do indivíduo se refletem em seu modo de vida total. Dessa forma, muitas escolhas feitas tanto pelas crianças e pelos adultos dependem de seus interesses.

O interesse, contudo, não pode ser definido como preferência. Preferir uma coisa à outra – em havendo várias possibilidades – é algo relativamente passivo, ao passo que o interesse é dinâmico e ativo: a pessoa não somente escolhe, mas também escolhe um objetivo, cria as possibilidades de alcançar uma coisa ou outra.(idem, p.32)

Em relação ao significado do que seja interesse, Claparède (apud Aguiar, 1991, p.90), o define como “uma atitude favorável, gerada por uma necessidade que impulsiona a ação”.

Pode-se dizer que, “o interesse pela leitura é, assim, uma atitude favorável em relação ao texto, gerada por uma necessidade, que provoca a ação de ler”. (idem, p.90)

A disponibilidade em relação ao texto, segundo Aguiar (1991), é condicionada por uma série de fatores: os leitores são indivíduos diferenciados que têm interesses de leitura diferentes. Entre esses fatores está, sobretudo, o sexo, o nível sócio-econômico, a idade e a escolaridade dos leitores.

Segundo Bamberger (1986), existem algumas tendências em relação aos interesses de leitura demonstrados pelas pessoas, as quais prevalecem em diferentes fases do

² http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx, acesso em 25/05/2008

desenvolvimento. Esse fato foi demonstrado a partir da análise dos registros de empréstimo de milhares de livros. O autor atenta para o fato de que podem existir casos isolados, em que os interesses divergem do estimado para a “média”.

Relacionando, pois, o desenvolvimento psicológico da criança com seus interesses de leitura, o citado autor refere-se a cinco fases ou “idades” de leitura, segundo as definições de Schliebe-Lippert e A. Beinlich:

- *Idade dos livros de gravuras e dos versos infantis* (de 2 a 5 ou 6 anos). É a fase da mentalidade mágica, em que a criança não faz distinção entre o mundo externo e o interno. A literatura vai ajudá-la a fazer a distinção entre o “eu” e o mundo através dos livros de gravuras de objetos de seu meio. Nesse período, o interesse volta-se mais para as cenas individuais do que para a ação de uma história, para o jogo do ritmo e som dos versos.
- *Idade do conto de fadas* (de 5 a 8 ou 9 anos). Nesta fase, a criança prefere a leitura do realismo mágico: contos de fadas, lendas, mitos, fábulas, que podem oferecer mudança imaginativa, animismo, maravilhoso, “pois nessa fase do desenvolvimento a criança é essencialmente suscetível à fantasia”.
- *Idade das “histórias ambientais” ou da leitura “fatal”* (de 9 a 12 anos). É uma fase intermediária, em que a criança começa a orientar-se no mundo concreto. Subsiste, ainda, o interesse pela leitura maravilhosa, mas ela quer desvendar o meio aprendendo com os livros, através de histórias e acontecimentos vivos.
- *Idade das histórias de aventuras: realismo aventureiro ou a “fase de leitura não-psicológica orientada para o sensacionalismo”* (de 12 a 14 ou 15 anos). Período da pré-adolescência, em que a criança toma consciência da própria personalidade. É a etapa do desenvolvimento dos processos agressivos e da formação de grupos. Os interesses de leitura dirigem-se a enredos sensacionalistas, aventuras vividas por gangues, personagens diabólicos, histórias sentimentais.
- *Os anos de maturidade ou o “desenvolvimento da esfera estético-literária da leitura”* (de 14 a 17 anos). É a fase em que o adolescente descobre o mundo interior e o mundo dos valores. As preferências de leitura orientam-se para aventuras de conteúdo mais intelectual, viagens, romances históricos e biográficos, histórias de amor, literatura engajada, temas relacionados com interesses vocacionais.

Além da idade, o sexo é outra variável significativa no que diz respeito aos interesses de leitura. Segundo Aguiar (1991), fatores biológicos e culturais determinam diferenças de

comportamento entre os sexos, sendo que uma dessas diferenças diz respeito aos interesses de leitura.

Os meninos, geralmente, possuem seus interesses literários voltados para aventuras, viagens e explorações, enquanto as meninas se interessam mais por histórias de amor, vida familiar e crianças.

Assim, segundo Anastasi (apud Aguiar, 1991: 92), os interesses de leitura de meninos e meninas correspondem aos padrões estabelecidos pela sociedade: “ao sexo masculino, cabem as atividades mais arrojadas e a luta pela sobrevivência e pelo sucesso, enquanto ao sexo feminino cabem as atitudes passivas, o trabalho doméstico, a educação dos filhos”.

O ambiente social e familiar também atua sobre os interesses de leitura das crianças, sendo que a profissão dos pais, o nível cultural e o poder aquisitivo influenciam a atitude de crianças e jovens diante da literatura.

O referido autor verifica, ao fazer uma relação entre as profissões dos pais (advindas das diferenças de classes) e os interesses de leitura dos filhos, que

[...] as experiências de leitura das crianças menos favorecidas afastam-nas do livro, uma vez que há, de um lado, um ambiente doméstico não estimulante à leitura e, de outro, a rotina escolar, oferecendo-lhes textos que não atendem aos interesses, valores e aspirações de seu grupo social, mas àqueles das classes dominantes. (idem, p.92)

No âmbito da leitura, a maioria das pesquisas apresenta algumas conclusões. Uma delas é que:

“a primeira motivação para ler é simplesmente a alegria de praticar habilidades recém-adquiridas, o prazer da atividade intelectual recém-descoberta e do mínimo de uma habilidade mecânica. O professor deve, portanto, responder a essa motivação com material de leitura fácil, emocionante, apropriado ao grupo de idade específico, e desenvolvendo esse primeiro material com livros de dificuldade crescente, as crianças se tornarão bons leitores. Um bom leitor gosta de ler”. (Bamberger, 1986, p.32)

Apesar de existirem condicionantes em relação aos interesses de leitura, um estudo de J. O. Butler nesse campo, citado por Bamberger (1986), nos mostra que há uma amplitude imensa das diferenças individuais de leitura demonstradas pelos alunos, as quais se expressam não só na quantidade de leitura voluntária, mas também nos interesses específicos impressos nos livros que escolhem para ler. “Até num grupo de crianças de nível de inteligência, idade e antecedentes culturais semelhantes, o grau de variação das preferências individuais é tremendo”, segundo esse estudo.

Dessa forma, o conhecimento das tendências gerais dos interesses de leitura demonstrados pelos alunos pode ser muito útil ao professor, porém este tem a responsabilidade de tentar descobrir os interesses particulares de cada aluno.

Podemos observar, em nossa sociedade, que a maioria das pessoas não possui o hábito da leitura e que quase nada é feito no sentido de inverter essa situação.

Segundo Silva (1991), a leitura em nossa sociedade sempre esteve voltada às classes mais abastadas, constituindo-se num privilégio de classe. “O acesso à leitura e aos livros nunca conseguiu ser democratizado em nosso meio” (p.12). A “crise da leitura”, termo utilizado pelo autor, “vem sendo reproduzida desde o período colonial, juntamente com a reprodução do analfabetismo, com a falta de bibliotecas e com a inexistência de políticas concretas para a popularização do livro” (p. 12).

Precisamos, como educadores, transformar essa realidade, sendo que a escola é o principal lugar onde isso pode se dar. Mas como fazer isso? Como incentivar o gosto pela leitura nos alunos?

Uma possível resposta a essas questões se encontra nas próprias escolas, as quais poderiam orientar seus professores no sentido de levarem em conta os interesses de leitura das crianças. Segundo Dahrendorf (apud Bamberger, 1986: 46), o modo como se trata o material de leitura na escola prejudica seriamente a leitura para muitas crianças. Desta forma, levar em conta os interesses dos alunos, suas preferências, aliado a outras práticas, como por exemplo a construção de bibliotecas nas escolas, a criação de atividades freqüentes de leitura, pode vir a ser muito útil aos professores que têm por objetivo desenvolver o gosto pela leitura.

3.1. Sugestões de como desenvolver os interesses de leitura nos alunos

Neste tópico do trabalho, procuro delinear algumas sugestões sobre como desenvolver os interesses de leitura nos alunos, sendo que tais interesses devem ser desenvolvidos desde a pré-escola, pelos professores.

Inicialmente, destacarei alguns fatores que não estimulam, mas inibem o desenvolvimento dos interesses de leitura.

Segundo Bamberger (1986), quando os professores consideram as crianças como “adultos em miniatura” e não levam em consideração seu “impulso para brincar”, nos primeiros anos escolares, cometem um grande erro, pois dão ênfase excessiva aos exercícios de habilidade de leitura, o que afasta as crianças do livro. Segundo este mesmo autor, “a idéia fundamental de que é necessário treinar especificamente aspectos isolados da técnica de leitura pode prejudicar o desenvolvimento dos interesses pela leitura”. (p. 54)

Outro fator prejudicial ao desenvolvimento dos interesses de leitura é quando o professor faz com que os alunos leiam mecânica e automaticamente os textos, de modo a fazer com que estes leiam trechos desconexos de determinada obra, por exemplo, quando determinado aluno começa a leitura de um texto e os demais precisam acompanhá-lo para continuar lendo do ponto em que parou, quando o professor pedir. Isso faz com que os alunos se preocupem em começar a leitura do ponto certo, se for chamado para ler, não conseguindo sentir as características de um texto.

A repetição da leitura dos mesmos textos também faz com que os alunos sintam antipatia e aversão pela leitura, segundo Bamberger. E ainda não se deve ignorar a leitura particular da criança, pois isso limita o contato entre ela e o professor, e este não tem a oportunidade de motivar a criança ou aconselhá-la sobre um material de leitura mais extenso.

O ensino sem métodos diferenciados também é um outro fator que desmotiva os alunos, uma vez que sendo o ensino uniforme, não são levados em consideração as diferenças de aptidões, rendimento e interesse entre as crianças. Os alunos mais fracos são continuamente comparados com os melhores e, como não têm nunca a experiência do sucesso, perdem todo o prazer na leitura. “Entretanto, se forem ensinadas pelo método diferenciado, as crianças poderão comparar sempre seu rendimento anterior com o mais recente e ver que melhoraram”. (Bamberger, 1986, p. 57)

A superestimação dos interesses de leitura também pode ser prejudicial, pois a mesma faz com que os alunos sejam conduzidos

“a uma inclinação permanente para uma única espécie de livro: histórias de crimes, histórias de amor sentimentais etc, o que não raro significa empobrecimento intelectual. A leitura unilateral também conduz a uma visão unilateral da vida e incapacita o indivíduo para o cumprimento de suas responsabilidades sociais”. (idem, p. 58)

Ainda segundo este mesmo autor, só se atinge o objetivo do ensino da leitura – o desenvolvimento do gosto literário e da capacidade crítica – quando se começa com os interesses existentes, tentando, constantemente, expandir os horizontes dos leitores.

Após a explanação de alguns fatores que causam a aversão pela leitura, destacarei abaixo algumas sugestões para a promoção do desenvolvimento dos interesses e motivação da leitura e do hábito de ler.

Segundo Bamberger (1986), primeiramente o professor deve conhecer a criança, conhecer seus interesses, baseando neles o trabalho que há de ser feito e desenvolvendo-os ao máximo. Porém, ninguém pode desejar alguma coisa se não souber de sua existência, e desta forma, compete ao professor oferecer à criança fartas opções de leitura, na esperança de que ela expanda o seu quadro de interesses.

No período pré-escolar é extremamente importante que as crianças sejam estimuladas a ler. O estímulo precoce é eficaz, e pais e professores devem incentivar as crianças a folhearem livros de gravuras, os quais incutem o desejo de ler e proporcionam também o contato com o livro. Nesta fase, é interessante que os professores incentivem na criança a expectativa de aprenderem a ler, o que tornará mais fácil o ensino da leitura no primeiro ano de escola. Entretanto, é necessário tomar cuidado para não sobrecarregar a criança em idade pré-escolar.

Já nos primeiros anos escolares, a criança ainda está, acima de tudo, voltada para a brincadeira, e passa grande parte do tempo num mundo de fantasia, segundo Bamberger (1986). É preciso, pois, partir desse ponto para apresentar aos alunos novas oportunidades de alargar seus interesses.

O incentivo do professor também é muito importante, pois quando o mesmo, diante do sucesso da leitura de seus alunos, o louvam, estes se sentem mais motivados a ler. Mas, caso contrário, se o aluno demonstrar dificuldade na leitura e o professor censurá-lo, tal aluno sentirá antipatia pela leitura, desconfiando dela como a causa de sua desagradável experiência.

Citarei, abaixo, algumas sugestões e, também reflexões, que Bamberger (1986) nos traz, no sentido de desenvolver os interesses de leitura, o prazer e o hábito pela mesma, em todos os níveis de idade:

“Os livros não devem ser considerados como ‘trabalho escolar’, mas como companheiros. Não se deve fazer tentativa alguma para ‘esgotar’ um livro, ao discuti-lo. Os próprios estudantes precisam descobrir o que um livro tem para

dizer-lhes a respeito de sua vida, de seus problemas e de suas perguntas. As discussões acerca de livros devem conduzir também ao auto-reconhecimento, e o papel do professor aqui não é o de instrutor nem o de examinador, mas o de uma pessoa para a qual os livros são importantes, que não somente quer que os alunos lhe falem sobre suas experiências com livros, mas também relata, de vez em quando, o que os livros lhe deram.

Nunca será demais repetir que os hábitos só se formam através da atividade regular. Mais importante do que toda a atividade baseada em livros, mais importante do que a melhor discussão, é a própria leitura. É preciso se tornar um princípio o pensamento de que é melhor ler por quinze minutos todos os dias do que meia hora um dia sim, outro não. É melhor ler meia hora um dia sim e outro não do que ler uma hora por semana, e assim por diante. A prática regular é a precondição para a formação do hábito.

Os hábitos são mais bem incorporados se têm como base modelos de comportamento tirados do meio, 'ideais' apresentados pelos pais, professores e, sobretudo, pelo grupo que o jovem frequenta. O hábito é um dos resultados mais importantes da socialização.

É claro que o hábito, atividade regular, só será realidade se o indivíduo sentir que vale a pena; no caso em questão, se ele se der conta do que a leitura poderá fazer pelos seus interesses pessoais, profissionais e sociais. Isso começa com a satisfação de interesses e necessidades inatas, passa depois à percepção dos benefícios proporcionados pela leitura, para chegar finalmente a uma ligação regular com os livros. Só assim a leitura e os livros atingirão uma posição firme e permanente na hierarquia dos hábitos". (p. 70)

Finalmente, gostaria de salientar que estas são possíveis sugestões para professores que tem por objetivo desenvolver o gosto pela leitura em seus alunos, não se constituindo num conjunto de regras pré-fabricadas a serem seguidas. São, pois, sugestões facilitadoras para a prática dos professores, que podem vir a contribuir com o sucesso de possíveis projetos ou atividades de leitura, realizadas em sala de aula.

3.2. A pesquisa na área dos interesses de leitura

Neste trabalho busquei fazer um levantamento do que já foi pesquisado sobre o tema “interesses de leitura”, de modo a obter um panorama sobre tal pesquisa no Brasil. Para tanto, utilizei o catálogo do grupo de pesquisas ALLE – Alfabetização, Leitura e Escrita - da Faculdade de Educação/Unicamp. Esse grupo de pesquisas foi criado no final do ano de 1998, constituindo-se num

“[...]espaço de aglutinação de pesquisadores, professores e estudantes de graduação e pós-graduação, interessados no estudo de questões relacionadas à leitura e à escrita na sociedade brasileira”³.

O catálogo desse grupo intitula-se “A pesquisa de leitura no Brasil (1980-2000)”, de autoria de Norma Sandra de Almeida Ferreira e colaboradores. O mesmo reflete um esforço de busca e ordenação de uma produção. Possui centenas de referências bibliográficas e resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre temas referentes à leitura, constituindo-se, pois, numa descrição e mapeamento da trajetória da pesquisa brasileira sobre Leitura.

Para a concretização desse catálogo, a autora consultou endereços eletrônicos das universidades pela Internet e aos CD-ROM UNIBIBLI (UNICAMP), DEDALUS (USP), ANPED (Associação Nacional de Pesquisa em Educação), IBICT (Instituto Brasileiro de Informações em Ciências e Tecnologia), através do radical LEIT e das palavras-chaves ou descritores: leitura, formação do leitor, literatura, ato de ler, seleção e crítica de livros para leitura, compreensão de leitura, história de leitura, ensino de leitura. Dessa forma, a autora buscou cobrir todo o campo de produção na área.

Os documentos estão classificados pelo sobrenome dos autores, o qual deve ser feito através de busca no próprio catálogo, ou por foco temático.

Como meu tema a ser pesquisado diz respeito aos interesses de leitura, busquei documentos pertencentes ao foco temático “Leitor: Preferências, Hábitos, Representações e História”, que é o que mais se ajusta à minha pesquisa, dentre os vários focos temáticos existentes no catálogo.

³ www.fe.unicamp.br/alle, acesso em 05/06/2008

Neste foco temático, há 50 referências bibliográficas de dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas em todo o Brasil, seguidas de um breve resumo a respeito do que trata a pesquisa.

Analisei, portanto, cada uma dessas 50 referências bibliográficas e resumos e encontrei diversas pesquisas que tratam dos interesses de leitura. Abaixo, destacarei as dissertações e teses assim como seus respectivos autores e orientadores, além dos resumos das mesmas, que abordem os interesse de leitura, de modo que tenhamos um panorama de como foram tratadas as pesquisas nesta área de conhecimento.

- 027 – BARBOSA, Raquel Lazzari Leite.

Mitificação da leitura: a construção do herói. Campinas, SP, 1994. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, UNICAMP. (Orientadora: Sarita Maria Affonso Moysés).

Reflete sobre como foram se estruturando certas preferências por determinados autores e pela leitura de suas obras em uma comunidade da cidade de Assis, SP. Procura analisar quais práticas de leitura foram empreendidas para se chegar ao resultado encontrado. Para isso, procura estudar a apropriação de normas relacionadas à formação de leitores: significação das escolhas; configuração de épocas (décadas em torno de 1920 e 1950) e seus valores; força da prática de leitura no significado dessas configurações; e como os valores sociais permanecem e são retomados.

- 043 - BORBA, Maria do Socorro de Azevedo.

Interesse de leitura de adolescentes: contribuição da escola e da biblioteca. Campinas, SP, 1992. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Biblioteconomia, PUCCamp. (Orientadora: Else B. Marques Valeo).

A meta desse trabalho foram as influências que os adolescentes de 7^a e 8^a séries pertencentes às instituições particulares de ensino recebem em relação a seus interesses de leitura. Questionários foram aplicados a estudantes, professores de português, bibliotecários, com o objetivo de identificar os tipos de leitura quanto à forma e conteúdo das obras literárias; verificar as facilidades oferecidas pela escola, no incentivo e interesse à leitura-lazer, quanto ao acesso e utilização de obras literárias; investigar as atividades desenvolvidas pelos professores e bibliotecários e identificar as influências de leitura no ambiente familiar. Os

resultados mostraram que a leitura ocupa posição secundária entre as atividades de lazer. A biblioteca, a escola e o ambiente familiar não têm relevância e o professor de português seleciona e indica obras obrigatórias de leitura. Os alunos preferem obras de mistério e de aventura.

- 107 - DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost.

Histórias de leitura na vida e na escola: uma abordagem lingüística, pedagógica e social. Porto Alegre, 1997. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, UFRGS.

Esta pesquisa tem por objetivo investigar como se dá a prática de leitura na sala de aula e fora dos limites escolares em classes populares. A pesquisa iniciou-se com observações em uma sala de aula de escola pública da rede estadual e entrevistas com alunos de quarta série e a professora regente da classe.

Incluiu a análise de como se desenvolviam as atividades de leitura, bem como identificou a concepção da professora sobre o ler e o escrever e as reações dos alunos frente às tarefas propostas. Através de observações participativas, o trabalho procurou captar categorias de interesse dos participantes em suas interações com a leitura em diferentes situações de aprendizagem. A partir de entrevistas com famílias dos alunos, procurou conhecer o espaço onde o trabalho intelectual é produzido quando os alunos não estão na escola e em que condições isso acontece, como também constatou alguns de seus valores, crenças e estratégias de sobrevivência.

Quanto à metodologia, o estudo constituiu-se numa abordagem qualitativa de pesquisa, na perspectiva da etnografia da sala de aula.

O estudo de caso permitiu mostrar como se dá a relação entre leitura, escola e vida, identificando as condições de produção de leitura naqueles espaços culturais, bem como valores atribuídos à mesma por indivíduos de classes populares.

- 169 - JARDIM, Maria Ferreira.

Hábitos e interesses de trabalhadores de 1º grau noturno: comprometimento e alienação da escola. Rio Grande do Sul, 1991. Dissertação (Mestrado). Instituto de Letras e Artes, PUC-RS. (Orientadora: Vera T. Aguiar).

Investigação realizada entre 1989 e 1990 em 9 escolas estaduais de Porto Alegre/RS. Análise do papel da leitura no desenvolvimento do indivíduo e dos fatores importantes na

formação do leitor e de responsabilidade da escola nesse processo. Descrição dos dados sobre hábitos e interesses dos alunos do noturno e do diurno, esses últimos levantados somente para efeitos de comparação, de acordo com as variáveis de sexo, série e idade.

- 203 - MAGNANI, Maria do Rosário M.

Leitura, literatura e escola: subsídios para uma reflexão sobre a formação do gosto. Campinas, SP, 1987. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, UNICAMP. (Orientador: Joaquim Brasil Fontes Júnior).

Tomando-se como base os livros mais lidos por alunos de 5^a a 8^a séries do 1^o grau, investiga-se a relação entre leitura, literatura e escola do ponto de vista de formação de gosto. Rastreiam-se as relações históricas entre literatura e educação, e a função conservadora da instituição escolar em relação ao fenômeno literário, a fim de se discutir a função social da escola para além da formação de leitores consumidores da trivialidade literária, política e histórica.

De um modo geral, diz respeito aos interesses de leitura, quando pretende investigar a formação do gosto ou interesse por determinadas leituras, de alunos de 5^a a 8^a séries.

- 251 - NORONHA, Diana Maria Correa.

A escola e o leitor: um diálogo possível? Rio Grande do Sul, 1988. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, UFRGS. (Orientador: Carmen Lins B. de Solari).

Com o objetivo de examinar o que acontece na escola que afasta o jovem de algo que, como a leitura, pode lhe interessar fora dela, aplicou-se um questionário a jovens pertencentes a 3 turmas de diferentes escolas particulares de Porto Alegre. Dentre os 89 alunos de segunda série de segundo grau que responderam ao questionário, 15 foram sorteados para responder também a uma entrevista. As respostas obtidas foram analisadas em termos da análise de seu conteúdo. Assim foi possível observar que: 1) os jovens entrevistados são efetivamente leitores e gostam de ler, apesar da resistência à indicação de obras literárias pela escola; 2) as formas de avaliação empregadas em relação à leitura do aluno não favorecem a formação do gosto pela leitura; 3) os alunos reivindicam o estabelecimento de um efetivo diálogo entre aluno e professor, que favoreceria o trabalho com leitura na escola.

Apesar de esta pesquisa não ser diretamente voltada aos interesses de leitura, de certa forma nos destaca a necessidade sentida pelos alunos de que seus pontos de vistas, seus interesses sejam levados em conta pelos professores no momento de escolher o que será trabalhado em relação à leitura.

- 265 - PACHECO, Suzana Moreira.

Grupo de leitura: aspectos sócio-culturais das interações entre crianças leitoras e textos. Rio Grande do Sul, 1994. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, UFRGS. (Orientadora: Guacira Lopes Louro).

Analisa as formas de interações de um grupo de crianças, leitoras(es) iniciantes das 2^{as} e 3^{as} séries do 1º grau com diferentes textos. Caracterizando-se como pesquisa qualitativa, utilizou como instrumentos metodológicos: a observação participante das sessões do grupo de leitura, fonte principal de dados; entrevistas semi-estruturadas realizadas individualmente com os(as) integrantes do grupo; visita às casas das crianças. As observações tiveram como foco principal as atitudes das crianças frente aos materiais diversificados de leitura, os usos que fizeram destes materiais e as escolhas mais frequentes dos textos, tanto no âmbito coletivo quanto no das preferências individuais. A análise dos dados buscou a construção de relações dos elementos observados e os aspectos sócio-culturais da vida das(os) leitoras(es) com base na literatura pertinente. Além das preferências por determinados textos, o estudo constatou, dentre as várias formas de interação com os materiais, modalidades de leitura recorrentes às crianças.

- 306 - ROCKENBACH, Maria Helena B. C.

Interesses e hábitos de leitura dos alunos de 1º grau de João Pessoa/PB. Rio Grande do Sul, 1988. Dissertação (Mestrado). Instituto de Letras e Artes, PUC-RS. (Orientador: Ignácio A. Neis).

Investigação realizada em 10 escolas de João Pessoa sobre interesses e hábitos de leitura de 800 alunos de 5^a a 8^a séries do 1º grau. (O resumo contido no catálogo não nos trás mais detalhes sobre a pesquisa)

- 324 - SANTOS, Josineide Alves.

Avaliação do interesse por leitura em alunos de 2^a e 4^a séries. São Carlos, 1996.

Dissertação (Mestrado). UFSCAR. (Orientador: Julio César Coelho de Rose).

O presente estudo teve como objetivos investigar se um grupo de alunos de quarta e segunda séries de uma escola pública escolhia atividades de leitura em situações onde não havia introdução de reforços artificiais; propor o procedimento utilizado para estudar o interesse por leitura em alunos das séries iniciais do primeiro grau; averiguar se havia diferenças entre os sujeitos nas escolhas por leitura quando apresentavam níveis distintos de compreensão de textos. A coleta de dados consistiu na apresentação de materiais correspondentes as atividades de jogar, ler, pintar, desenhar, modelar e recorte/colagem e mediu-se o tempo de permanência dos sujeitos em cada atividade escolhida. Os resultados mostraram que a maior parte dos alunos do estudo engajou-se em atividades de leitura quando estas encontravam-se disponíveis juntamente com outras atividades e sugerem portanto, a adequação do procedimento usado para o estudo do interesse por leitura em alunos das séries iniciais. Quanto ao terceiro objetivo os dados não permitiram conclusões claras sobre a relação entre escolha por leitura e compreensão. A pesquisa sugere a necessidade da escola se preocupar em desenvolver o comportamento de ler dos alunos, que para alguns já existe em níveis iniciais. Sugere ainda que há entre os alunos dessas séries comportamentos de ler possíveis de serem desenvolvidos sob controle de reforçadores naturais.

Pode-se observar através da análise das referências bibliográficas encontradas no foco temático “Leitor: Preferências, Hábitos, Representações e História”, que dentre os 50 trabalhos aí presentes, apenas 9 referem-se aos interesses de leitura.

Dentre os que se referem mais diretamente aos interesses de leitura, isto é, que têm como objeto central da pesquisa este tema, estão: a dissertação de Maria do Socorro de Azevedo Borba, “Interesse de leitura de adolescentes: contribuição da escola e da biblioteca”; a dissertação de Maria Ferreira Jardim, “Hábitos e interesses de trabalhadores de 1º grau noturno: comprometimento e alienação da escola”; a dissertação de Maria Helena B. C. Rockenbach, “Interesses e hábitos de leitura dos alunos de 1º grau”; e a dissertação de Josineide Alves Santos, “Avaliação do interesse por leitura em alunos de 2ª e 4ª séries”. Já os demais trabalhos, referem-se indiretamente aos interesses de leitura, isto é, possuem como foco principal outra temática, abordando indiretamente os interesses de leitura.

Diante desse quadro pode-se dizer que as pesquisas que foram efetivamente publicadas e abordam os interesse de leitura, no Brasil, são realmente muito escassas, pois dentre as 50 referências bibliográficas no foco temático pesquisado, apenas 9 referem-se ao tema

“interesses de leitura”, o que, de certa forma, representa um número muito baixo de pesquisas realizadas nesta temática no período pesquisado por Norma Sandra e Almeida Ferreira, do Grupo ALLE.

4. Organização dos artigos selecionados

Neste tópico do trabalho são apresentados os artigos selecionados nas edições da revista *Leitura: Teoria & Prática*, que tratam direta ou tangencialmente dos interesses de leitura de alunos do Ensino Fundamental.

Abaixo se encontra um quadro com o número da revista, o ano, o nome do artigo selecionado e o nome do autor. Posteriormente, são apresentados os resumos dos respectivos artigos presentes no quadro.

Quadro 1. Trabalhos sobre interesses de leitura na revista *Leitura: Teoria & Prática*

Interesses de Leitura			
NÚMERO	ANO	TÍTULO	AUTORES
1	2 (abr/1983)	Como despertar o prazer da leitura	Glória Maria Fialho Pondé
9	6 (jun/1987)	A prática de leitura de narrativas longas: uma proposta viável	Amélia Maria Jarmendia Soares
10	6 (dez/1987)	A leitura recreativa na 5ª e 6ª série	Margarida de Moura Siqueira
28	15 (dez/1996)	Práticas de leitura: escola e centro de lazer	Maria Lutgarda Mata; Pedro Benjamim Garcia; e Tânia Dauster
31	17 (jun/1998)	Lugar de estante é na mochila	Helena Feres Hawad
34	18 (dez/1999)	A criança e a leitura na escola: construindo a cidadania	Dília Maria Andrade e Glória Bueno

Resumos

- **Revista nº 1**

“Como despertar o prazer da leitura” (Glória Maria Fialho Pondé)

Partindo da constatação de que nas escolas os alunos não têm uma participação ativa e de que seus anseios e interesses não são levados em conta pelos professores no momento de planejar as atividades, a autora infere que essas são algumas das causas da indisciplina e do desinteresse nas salas de aulas.

Levando em conta a grande importância da leitura, a autora e demais professores da escola em que a mesma lecionava, implantaram um projeto de leitura, integrando várias áreas, tais como Ciências, Estudos Sociais, Artes Plásticas, Música, etc. O diferencial desse projeto é o fato de que as atividades eram propostas pelos próprios alunos, de acordo com seus interesses; e também pelo fato de que este projeto visava o prazer, devido ao fato de que a leitura só se implanta dessa forma e não de modo coercitivo e obrigatório.

Inicialmente, o projeto seria aplicado apenas às 8ª séries, porém com seu sucesso, foi estendido às demais turmas.

De modo geral, o projeto atingiu todos os objetivos previstos, de forma que professores e alunos envolveram-se completamente no desenvolvimento do mesmo. Acredita-se que foi despertado o gosto pela leitura nos alunos devido à motivação demonstrada pelos mesmos.

(Gostaria de destacar o fato de que os interesses de leitura dos alunos foram levados em conta neste projeto, o que ocasionou o prazer e o gosto pela leitura.)

- **Revista nº 9**

“A prática de leitura de narrativas longas: uma proposta viável” (Amélia Maria Jarmendia Soares)

Este artigo é um relato de experiência, cujo objetivo é demonstrar que a prática de leitura de narrativas longas é uma proposta viável quando se tem por objetivo despertar o gosto pela leitura nos alunos. A autora explicita a proposta chamada de “Leitura livre ou recreativa” e após, relata a experiência, ou seja, a execução da proposta, por ela realizada numa sala de 7ª

série inicialmente, sendo que a atividade continuou sendo desenvolvida com a mesma turma, a qual passou a freqüentar a 8ª série, no ano de 1985, de uma escola municipal, onde era professora de Língua Portuguesa.

A autora nos atenta para o fato de que, nas escolas, a ideologia da pressa não estimula, nos alunos, a leitura de obras inteiras, não permite que os mesmos escolham os livros segundo seus interesses e preferências; pelo contrário, uma sala inteira é obrigada a ler uma única obra proposta pelo professor. E ainda, tal leitura é seguida de avaliações, fichas de leitura, interpretações de texto, etc, o que gera a aversão à leitura nos alunos. Estes sentem-se angustiados ao lerem um livro que não lhes desperte o interesse.

Partindo desta constatação, a autora realiza uma proposta de trabalho diferente com seus alunos, que tem por objetivo despertar o gosto pela leitura e o hábito de ler. Sucintamente, uma das principais características da proposta consistiu no fato de que os alunos podiam escolher os livros de sua preferência, e após a leitura dos mesmos, deveriam comentar para a classe o livro que leu, de modo a despertar em seus colegas o interesse por tal livro. Foi destacado que se o aluno começasse a leitura de determinado livro e não se interessasse pelo mesmo, poderia parar de ler e escolher outro livro de sua preferência. Os livros escolhidos pelos alunos não precisavam necessariamente pertencer ao acervo da biblioteca da escola, e os alunos teriam que ler no mínimo duas obras por bimestre.

Foi constatado que a maioria dos alunos atingiu e até mesmo superou este mínimo de duas obras, e que as obras mais lidas foram aquelas comentadas por seus alunos, ou seja, os comentários, orais ou escritos, faziam grande diferença. A autora, então, elaborou, juntamente com seus alunos, uma Apostila de Sugestão de Leitura, que continha comentários de diversas obras lidas pelos próprios alunos. Desta forma, os leitores eram valorizados, o que os estimulavam a ler ainda mais.

Destacando a importância dos interesses de leitura, quando o que se quer é despertar o gosto pela mesma, o qual é o tema deste Trabalho de Conclusão de Curso, foi feito um questionário para que os alunos o respondessem em relação à essa atividade. Uma das questões perguntava à que o aluno atribuía o aumento de leituras. Grande parte das respostas se referia ao fato de que podiam escolher os livros pelos quais mais se interessavam, e isso contribuía para que lessem mais.

(Este trabalho obteve sucesso, pois os alunos passaram a ler mais, e não porque eram obrigados, mas sim porque realmente tiveram desenvolvido o gosto pela leitura, sendo que seus interesses e preferências foram levados em conta.).

- **Revista nº 10**

“A leitura recreativa na 5ª e 6ª série” (Margarida de Moura Siqueira)

Este artigo é um relato de experiência, feito pela própria autora, professora de Língua Portuguesa no Centro Pedagógico (CP) da UFMG. Tal experiência foi realizada nas salas de 5ª e 6ª séries. Não nos é citado o ano de sua realização, porém de acordo com o ano da revista, podemos deduzir que tenha sido realizada em meados de 1987.

Neste artigo a autora nos mostra sua preocupação em fazer com que as atividades de leitura estivessem de acordo com as preferências e interesses de seus alunos. Desta forma, ela, assim como outros professores do CP, mudou sua postura, que primeiramente era ela própria quem escolhia os livros que seus alunos leriam, para uma postura de tentar refletir sobre os interesses de seus alunos e indicar livros que atendessem a esses interesses, visando a uma leitura voltada para o prazer e a recreação.

Primeiramente ela elaborou um questionário de modo a descobrir por qual assunto cada aluno se interessava. A seguir foram feitas diversas discussões em sala e observação das preferências a partir do convívio com os alunos no dia-a-dia. Foi observado que alunos de mesma faixa etária tendiam a se interessar pelos mesmos assuntos, podendo logicamente variar em alguns casos. A autora atenta para o fato de que é necessário estar bem atento e sair à procura de livros adequados aos interesses demonstrados pelos alunos.

Após a escolha dos livros, a autora lia para os alunos um pequeno trecho das obras e comentava a seguir. Esse era, pois, o primeiro contato dos alunos com o livro, com sua capa, com sua linguagem, o qual iria despertar ou não o interesse.

Para a aquisição dos livros, a autora incentivava seus alunos a comprá-los, de modo a formarem suas próprias bibliotecas, pois da mesma forma que podiam adquirir roupas, guloseimas, por simples consumismo, poderiam adquirir sim os livros pelos quais se interessavam. Ela solicitava, então, a uma agência de livros que lhe enviassem os livros escolhidos pelos alunos por um preço mais acessível. Porém, do mesmo modo, ela incentivava também o uso da biblioteca do CP, pois este era composto por alunos de diversas classes sociais e nem todos poderiam adquirir os livros por meio da compra, tendo que ser emprestados. Ela incentivava também a possibilidade de se associarem a outras bibliotecas e o empréstimo de livros entre colegas.

Em relação às atividades desenvolvidas a partir da leitura dos livros, uma das mais importantes foi as leituras em sala, acompanhada de comentários sobre os capítulos lidos, o que, segundo a autora, gerava muita motivação para o ato de ler. Foram citadas também outras atividades realizadas a partir das leituras, tais como dramatização de capítulos, de trechos adaptados, ou de síntese da obra, elaborados pelos alunos; ilustração de trechos diversos; jogos; concurso de crônicas, convite a autores para comparecerem ao CP; redações; entre outras atividades.

A autora conclui seu artigo dizendo que tenta contribuir para o desenvolvimento do gosto pela leitura em seus alunos, se esforçando também por fazer nascer o espírito crítico frente à realidade apresentada em cada obra.

- **Revista nº 28**

“Práticas de leitura: escola e centro de lazer”

(Maria Lutgarda Mata; Pedro Benjamin Gracia; Tânia Dauster)

Este estudo é baseado na pesquisa “Cotidiano, práticas sociais e valores nos setores populares – a difusão diferencial da escrita e da leitura e o significado da imagem entre os jovens”, realizada pelos professores e autores deste artigo.

De um modo geral, é feita uma caracterização dos dois espaços em que se realizou a pesquisa (uma escola e um centro de lazer), e após é feita uma análise comparativa do significado da oralidade, da escrita, da leitura e da imagem nestas duas instituições.

A escola selecionada para este estudo foi uma escola municipal de 1º grau, localizada na zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, sendo a 3ª série o objeto deste estudo. A sala era composta por 38 alunos (15 meninos e 23 meninas), sendo quase todos moradores da favela da Rocinha, localizada próximo à escola.

Embora não trate diretamente sobre os interesses de leitura, que foi o tema pesquisado neste Trabalho de Conclusão de Curso, pôde-se observar que na referida escola não havia muito acesso à leitura de livros de literatura infantil, sendo que a escola nem mesmo dispunha de uma biblioteca, ficando os livros no armário da professora. A maioria dos alunos adquiria seus livros por meio da doação feita pelos patrões de seus pais, livros que já não serviam mais para eles. Enfim, a partir da observação das práticas de leitura destes alunos, a qual se mostra

muito precária, foi ressaltado que as fronteiras de condições sócio-econômicas impediam que os interesses de leitura se alargassem.

Já o centro de lazer era uma experiência com setores populares, que tinha por finalidade oferecer a crianças e jovens moradores da favela da Rocinha, um espaço e um tempo para lazer, bem como promover e desenvolver atividades às quais as crianças podiam se dedicar de livre vontade, com a finalidade de recrear-se, entreter-se, divertir-se, descansar, aprender e desenvolver sua capacidade criadora e sua consciência crítica e social. Funcionava aos sábados, no espaço físico de um colégio situado na zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

Neste centro de lazer foi observado pelos pesquisadores que os materiais escritos eram reduzidos e de usos diferenciados.

Tendo em vista ampliar o campo de observação das práticas de leitura, foram organizadas várias atividades que implicavam a circulação de materiais diversos que permitiram perceber, com maior clareza, os modos e as maneiras de ler, as motivações e a importância da leitura no cotidiano das crianças.

Em relação às preferências ou interesses, foi possível observar que os textos mais procurados eram os que continham imagens e os de “leitura divertida”, ocupando o primeiro lugar as histórias em quadrinhos e, depois, as revistas com imagens espetaculares: fotos de raio, de animais marinhos, carros solares, desertos, construções de civilizações antigas, etc. A imagem era, portanto, muito atraente para os alunos, porém, pouco valorizada, de modo que livros contendo apenas figuras e pouco texto escrito eram, de acordo com os integrantes do centro, para neném. Assim, neste espaço, o que era atraente (as imagens), não era valorizado e, o que era valorizado (o texto escrito), não era atraente.

Foi feita, então, uma indagação por parte dos pesquisadores se esta atração pelas imagens não seria um reflexo do estreito convívio com a TV, onde se “vê e lê por imagens”.

Finalmente nos foi relatado que as diferentes classes sociais apresentavam diferentes linguagens, diferentes valores acerca da leitura, da escrita, da imagem, e é dever de uma sociedade moderna e democrática, como a nossa, dar respostas aos desafios que essas múltiplas linguagens apresentam aos professores.

- **Revista nº 31**

“Lugar de estante é na mochila” (Helena Feres Hawad)

Este artigo é um relato de experiência realizado pela autora, professora de Língua Portuguesa em uma escola pública de primeiro e segundo grau. Ela desenvolveu com a 5ª série, no ano letivo de 1997, alternativas para a prática de leitura na escola. O presente trabalho visa a apresentar a riqueza de possibilidades, assim como as limitações dessa experiência.

Primeiramente a autora nos atenta para o fato de que, nas escolas, a leitura assim como qualquer atividade tende a passar por um processo de “escolarização”. A leitura deve ser padronizada, os mesmos livros para todos os alunos, sendo, na maioria das vezes, seguidos de avaliações, interpretações, as quais devem ser as mesmas do professor. Não há liberdade de escolha dos livros pelos alunos, seus interesses não são respeitados, e isso gera a aversão pela leitura, ao invés do gosto e do prazer de ler.

A autora, partindo dessa constatação, resolveu por em prática algumas alternativas que fugissem a essa padronização da leitura imposta pelas escolas, de um modo geral.

A sala de aula onde funcionava a 5ª série não dispunha de armários nem de estantes. Possuía apenas carteiras universitárias, pelo fato de a sala funcionar na UERG, e desta forma era uma sala de adultos. Assim, a autora propôs a seus alunos que fizessem de suas pastas e mochilas suas estantes, de modo que os livros tornassem a serem presentes no cotidiano escolar. Dos cinco tempos semanais de Língua Portuguesa, foi reservado um para desenvolver uma série de atividades denominadas “Biblioteca de Classe”.

Um das principais atividades foi a chamada *Sessão de Leitura*, na qual os alunos trariam livros que tivessem lido e que gostassem e deixariam na mesa da professora. Todos os alunos poderiam manusear, folhear e ler esses livros durante a aula, podendo emprestá-los, caso se interessassem pela leitura. Não havia nenhum critério quanto a qual livro seria aceito, desde que os alunos se interessassem pelos mesmos. Eram feitos comentários pelos alunos sobre os livros lidos, de modo a despertar o interesse dos outros alunos. Havia uma atividade chamada *Caixa Surpresa*, na qual a professora colocava diversos catálogos com sugestões de obras para as crianças. Enfim, a professora pôde perceber que as crianças possuíam diferentes habilidades e interesses de leitura.

Podiam também ser feito empréstimos dos livros, de modo que um aluno seria eleito periodicamente como o bibliotecário, anotando em um caderno os livros emprestados. Isso gerou um senso de responsabilidade nos alunos, pois tinham prazos para devolução, além do cuidado com os livros. Ninguém era obrigado a emprestar seu livro ou pegar emprestado do colega, porém a autora argumentou que as trocas seriam enriquecedoras. O uso da biblioteca também foi muito incentivado e freqüente. O empréstimo também foi útil pelo fato de que muitos alunos não liam porque os livros eram caros.

A prática de contar e ouvir histórias pelos próprios alunos também foi muito apreciada por eles.

No final do ano letivo, a autora elaborou um pequeno questionário, onde as crianças marcariam o que acharam sobre as diversas atividades desenvolvidas ao longo do ano, se foram ótimas, boas ou ruins.

Pôde-se constatar que todas as atividades foram consideradas ótimas ou boas pela maioria das crianças, e que a atividade preferida foi a visita à biblioteca da escola. A maioria das crianças leu vários livros, e os que não leram argumentaram que não gostavam de ler. A autora questionou, então, o porquê desses alunos não gostarem de ler, se é por falta de habilidade, ou por causa da falta de experiência com os livros.

Finalmente, a autora deixou claro que as crianças participaram ativamente de todas as atividades, assim como de seu planejamento, o que ajudou a despertar o interesse pela leitura, e que coube à escola proporcionar aos alunos contatos saudáveis com a leitura e a literatura e o que cada indivíduo faria dessas oportunidades era, pelo menos em parte, resultado de inclinações e, principalmente, de decisões pessoais.

- **Revista nº 34**

“A criança e a leitura na escola: construindo a cidadania” (Dília Maria Andrade Glória Bueno)

Este artigo é um relato de experiência que tem por objetivo apresentar uma prática de leitura desenvolvida com duas turmas do terceiro ano do Ensino Fundamental, localizada no Centro Pedagógico da UFMG, no ano escolar de 1995, na qual se buscou a construção de estratégias de leituras adequadas à formação do leitor / cidadão.

Embora não aborde diretamente os interesses de leitura, eles, tangencialmente, aparecem neste trabalho.

A autora parte do pressuposto de que em uma sociedade letrada como a nossa é crucial que se saiba ler, de modo que a leitura seja tomada como um ato de conhecimento. O saber implica poder – poder de perceber as relações estabelecidas no mundo dos homens, explicando-as e, sobretudo, transformando-as.

Na escola, a leitura, que deveria se constituir num ato de liberdade e autonomia resume-se à dimensão de obrigatoriedade para aqueles que desejam a realização social e econômica.

No desenvolvimento da experiência, a autora, também professora de Língua Portuguesa, procurou saber como os alunos selecionavam os livros que liam e descobriu que a seleção era feita de acordo com seus interesses por determinado tema: aventura, suspense, humor, etc.

A professora deu abertura para que todos os alunos participassem do planejamento das atividades, de modo que, se tal experiência visa à formação do cidadão, os alunos precisariam participar, colocar seus pontos de vista.

Ficou definido que as leituras seriam realizadas na sala de aula, na biblioteca e na casa dos alunos. Eles leriam jornais, revistas em quadrinhos e livros literários, sendo que a leitura seria definida pelos alunos, de acordo com seus interesses. Em alguns momentos a escolha seria feita individualmente e, em outros momentos, coletivamente. A avaliação do trabalho seria feita mediante discussões coletivas, apresentação pelos alunos aos colegas sobre suas leituras individuais e atividades diversas orientadas pela professora.

A professora atuava como interlocutora, compartilhando com os alunos o universo de sentidos dos textos lidos, procurando valorizar a riqueza de interpretações possíveis.

A experiência obteve sucesso e os alunos passaram a ler mais, o que foi atribuído à possibilidade de participação destes no planejamento das atividades, à liberdade de escolha dos livros a serem lidos. Isto é, foi dada aos alunos a oportunidade de agirem como cidadãos.

5. Análise dos dados – afinal, o que dá certo?

Podemos observar que nas 51 revistas pesquisadas foram encontrados apenas 6 artigos sobre os “interesses de leitura”. Foram poucos os artigos encontrados, porém de grande qualidade. Todos trazem sugestões de práticas de leitura que podem ser utilizadas em sala de aula, com sucesso, de modo a despertar o gosto pela leitura nos alunos.

Os 6 artigos encontrados são relatos de experiências, realizados pelos próprios autores, que são também professores, e que têm por objetivo central despertar o prazer pela leitura nos alunos.

Todas as experiências foram realizadas no Ensino Fundamental, com exceção de uma, que foi realizada em um centro de lazer, que funciona aos sábados.

Os artigos são pesquisas qualitativas e não se preocupam com números, mas sim com a qualidade das experiências e com o sucesso das mesmas.

De modo geral, os artigos não focam diretamente os interesses de leitura, porém consideram que levar em conta os interesses dos alunos nas práticas de leitura é muito importante quando o objetivo é despertar o gosto pela leitura. O sucesso obtido em todas as experiências decorreu do fato de se levar em conta os interesses de leitura dos alunos, assim como lhes dar liberdade de participação no planejamento das atividades desenvolvidas.

Outro fato presente em todos os artigos é que os alunos faziam comentários, orais ou escritos, sobre as obras lidas, e isto, despertava o interesse dos outros alunos. No final das experiências, muitos alunos atribuíram o aumento de suas leituras aos comentários dos livros, feitos pelos colegas.

Apenas no artigo “Práticas de leitura: escola e centro de lazer”, é que foi observado que na escola não havia um ambiente propício para o alargamento dos interesses de leitura dos alunos; a maior parte deles eram moradores da favela da Rocinha, de classe baixa, sem condições de adquirir livros, e com práticas de leitura muito precárias.

Se os alunos não podem adquirir os livros por meio da compra, cabe aos professores incentivar o uso da biblioteca da escola e também incentivar a visita destes à biblioteca municipal a fim de emprestar livros. Cabe aos professores incentivar os alunos a trazer pelo menos um livro que tenham gostado de ler para fazerem trocas entre si, como fez Helena Feres Hawad com seus alunos. Há muitas possibilidades de acessar livros que não pela compra, conforme foi demonstrado pelos autores dos trabalhos.

Pode-se dizer que, embora poucos, os artigos que focaram, mesmo que tangencialmente, os interesses de leitura, foram de encontro à fundamentação teórica deste Trabalho de Conclusão de Curso, isto é, todos os artigos pregam a importância do levar em conta os interesses dos leitores, se o que queremos é desenvolver o prazer da leitura.

Partindo da análise realizada nos artigos e também levando-se em conta a fundamentação teórica apresentada neste trabalho, podemos constatar que algumas práticas de leitura fazem grande diferença quando o que se busca é desenvolver o gosto pela leitura. As práticas mais frequentes e que obtiveram sucesso, segundo os próprios autores das experiências relatadas, fundamentam-se na importância de considerar os interesses de leitura dos alunos; proporcionar-lhes liberdade de participação no planejamento das atividades; permitir que os alunos escolham os livros que querem ler, segundo seus interesses e preferências; os comentários das obras lidas, feitos pelos próprios alunos, o que desperta o interesse dos demais; enfim, o interesse demonstrado pelo próprio professor em relação à leitura vem a ser muito importante, de modo que este deve ser, acima de tudo, um bom e ávido leitor, procurando sempre alargar os interesses de leitura de seus alunos e mostrar-lhes a importância da mesma.

6. Considerações Finais

Os objetivos inicialmente propostos neste Trabalho de Conclusão de Curso visavam a busca de artigos no universo das 51 edições publicadas da revista “Leitura: Teoria & Prática”, selecionando os que focavam o tema “interesses de leitura”. Após a localização destes artigos, deveria proceder a uma organização e análise dos mesmos para verificação de sua frequência e significação.

Pode-se dizer que tal objetivo foi atingido. Nesta busca foram encontrados 6 documentos referentes à temática pesquisada, que foram organizados e analisados nos capítulos 4 e 5.

A fundamentação teórica deste trabalho foi baseada principalmente em Richard Bamberger, que nos traz muitas contribuições acerca dos interesses de leitura, conforme pudemos constatar ao longo do trabalho.

Podemos dizer que muitas foram as contribuições trazidas tanto pelos artigos selecionados nas revistas “Leitura: Teoria & Prática”, assim como pelos autores que fundamentaram teoricamente este trabalho. Muitas práticas de leitura aí presentes podem ser utilizadas por professores e futuros professores, quando se tem por objetivo o desenvolvimento do gosto pela leitura.

As práticas de leitura mais frequentes e que surtiram grande sucesso são, entre outras, a busca pelos interesses de leitura dos alunos; o levar em conta tais interesses; a participação efetiva dos alunos no planejamento das atividades de leitura; deixar com que os alunos escolham os livros a serem lidos, segundo suas preferências; buscar alargar os interesses de leitura dos alunos, instigando os mesmos a fazerem comentários sobre as obras lidas, de modo a despertar o interesse dos demais; incentivar o uso da biblioteca escolar e a troca de livros entre os próprios alunos; demonstrar interesse e gosto pela leitura, participar das atividades propostas juntamente com os alunos de modo a se tornar um exemplo a ser seguido.

Foi mostrado através dos artigos e também da literatura pesquisada, que o gosto pela leitura só é desenvolvido quando livre da palavra “obrigação”. É interessante, pois, desenvolver, com os alunos, uma leitura voltada ao prazer, buscando sempre levar em conta os interesses dos mesmos, dando-lhes sempre liberdade de escolha e de participação. Além disso, pudemos observar a importância do engajamento do professor, na busca de desenvolver novos projetos e atividades atrativas aos alunos, de modo a estar constantemente ampliando seus interesses, e desta forma, desenvolver o prazer pela leitura.

Apesar de os objetivos deste trabalho terem sido alcançados satisfatoriamente, a realização do mesmo trouxe-me algumas indagações.

Será que nossas escolas vêm incentivando as práticas de leitura? Vêm orientando os professores no sentido de desenvolver o gosto pela leitura em seus alunos?

Em caso negativo, não caberia aos próprios professores o desenvolvimento dessas práticas e o desenvolvimento de estratégias visando um aumento do hábito de ler, assim como fizeram os autores dos artigos selecionados na revista “Leitura: Teoria & Prática”?

Por que alguns professores obtêm sucesso com os projetos de leitura que desenvolvem com seus alunos e outros não? No caso dos últimos, seria por falta de vontade? Por falta de apoio? Por falta de criatividade para elaborar um projeto atrativo aos alunos?

Finalmente pode-se dizer que pesquisas no âmbito da leitura, que busquem estratégias no sentido de desenvolver o gosto pela mesma nos alunos são bem-vindas no âmbito escolar. Isto foi o que busquei realizar neste trabalho, demonstrando a importância do levar em conta os interesses de leitura, mostrando que essa prática pode ser viável no desenvolvimento do gosto pela leitura.

Bibliografia

AGUIAR, Vera Teixeira. Leituras para o 1º grau: critérios de seleção e sugestões *In:* ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor** – 10ª ed. – Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura** - 2ª ed. - São Paulo, SP: Editora Ática, 1986.

BRASIL, Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 31 de dezembro de 1996.

BUENO, Dília Maria Andrade Glória. A criança e a leitura na escola: construindo a cidadania. *In:* **Leitura: Teoria & Prática**. Campinas, SP, ano 18, nº 34, p. 68 – 77, dez. 1999.

CATÁLOGO A **pesquisa sobre leitura no Brasil (1980-2000)**. Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/alle>

FERREIRA, Norma S. de A. As pesquisas denominadas “Estado da Arte” *In:* **Educação & Sociedade**. Campinas, SP: ago/2002 [ISSN 0101 – 7330 versão impressa].

HAWAD, Helena Feres. Lugar de estante é na mochila. *In:* **Leitura: Teoria & Prática**. Campinas, SP, ano 17, nº 31, p. 84 – 90, jun. 1998.

MATA, Maria Lutgarda; GARCIA, Pedro Benjamim; DAUSTER, Tânia. Práticas de leitura: escola e centro de lazer. *In:* **Leitura: Teoria & Prática**. Campinas, Sp, ano 15, nº 28, p. 55 – 69, dez. 1996.

PENTEADO, Ariadne Ieza. **Formação docente e a prática do ensino da leitura: contribuições oriundas da revista "Leitura: Teoria & Prática"**. Campinas, SP: 2007. (Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia - UNICAMP. Orientador: Ezequiel Theodoro da Silva)

PONDÉ, Glória Maria Fialho. Como despertar o prazer da leitura *In: Leitura: Teoria & Prática*. Campinas, SP, ano 2, nº 1, p. 13 – 16, abr. 1983.

QUINAGLIA, Ivana Alves Lima. **A leitura da leitura: o que traz a Revista Leitura: Teoria & Prática sobre teorias e práticas de leitura**. Sorocaba, SP: 2006. (Dissertação de Mestrado em Educação - UNISO. Orientador: Luiz Percival Leme Britto)

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca – 2ª ed.** – Campinas, SP: Papyrus, 1986.

_____ Apresentação *In: A produção da leitura na escola: pesquisas X propostas – 2ª ed.* - São Paulo: Ática, 2002

SILVA, Lilian Lopes Martin da. "A Revista Leitura: Teoria & Prática e o professor - um leitor em formação.*In: Leituras do Professor*. Marildes Marinho & Ceris Salete Ribas da Silva (org.). Campinas, SP: ALB & Editora Mercado de Letras, 1998, p. 141-156.

ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. Disponível em: [http:// www.alb.com.br](http://www.alb.com.br)

SIQUEIRA, Margarida de Moura. A leitura recreativa na 5ª e 6ª série. *In: Leitura: Teoria & Prática*. Campinas, SP, ano 6, nº 10, p. 28 – 38, dez. 1987.

SOARES, Amélia Maria Jarmendia. A prática de leitura de narrativas longas: uma proposta viável. *In: Leitura: Teoria & Prática*. Campinas, SP, ano 6, nº 9, p. 18 – 28, jun. 1987.

ZILBERMAN, Regina. A leitura na escola *In: ZILBERMAN, Regina (org.). Leitura em crise na escola: as alternativas do professor – 10ª ed.* – Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

ANEXOS